

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Regina Maria da Silva Teodoro

JESUS HISTÓRICO: uma breve apresentação

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Prof. Dr. Volney José Berkenbrock

JESUS HISTÓRICO: uma breve apresentação

THIS HISTORICAL JESUS: a brief presentation

Regina Maria da Silva Teodoro¹

RESUMO

O presente trabalho, O Jesus Histórico: uma breve apresentação, expõe os contextos político, econômico, religioso e social da vida de Jesus enquanto homem, na Galileia dos anos 30, no século I. Foram utilizadas fontes como Leonardo Boff (1980), teólogo, escritor, professor emérito de ética, filosofia da Religião e Ecologia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Antônio Pagola (2014), teólogo e cientista bíblico pela Universidade Gregoriana, pontifício da Escola bíblica de Roma e na Escola Arqueologia de Jerusalém, ex-professor da Faculdade de teológica da Espanha; e Gerhard Lohfink (2015), ex-professor de Exegese Neotestamentária na Universidade de Tübingen, atual teólogo da Comunidade Católica Integrada. Foram consultados também sites de internet e a Bíblia Sagrada.

Palavras-chave: Jesus histórico. Galileia. Fontes literárias.

ABSTRACT

This work The Historical Jesus: a brief presentation exposes the political contexts, economic, religious and social life of Jesus as a man in Galilee of the 30s in the first century. Sources were used as Leonardo Boff (1980), theologian, writer, professor emeritus of ethics, philosophy of Religion and Ecology at the State University of Rio de Janeiro; Anthony Pagola (2014), theologian and biblical scientist at the Gregorian University, the Pontifical Biblical School of Rome and Archaeological School of Jerusalem, former teacher of theology of Spain; and Gerhard Lohfink (2015), former professor of New Testament Exegesis at the University of Tübingen, current theologian of the Catholic Integrated Community. It was also consulted Internet sites and the Holy Bible.

Keywords: Historical Jesus. Galilee. Literary sources.

INTRODUÇÃO

‘Que dizem os homens que eu sou?’ Esta pergunta de Cristo, recebeu ao longo dos séculos as mais diversas respostas; A resposta da fé, da ciência crítica, da filosofia, da psicologia, da sociologia, e da juventude irrequieta em busca de um sentido radical para a vida. (BOFF, 1980, p. 13).

Segundo os autores pesquisados, as reflexões em torno da figura de Jesus Cristo podem ser divididas em dois aspectos: por um lado, versam em torno do chamado Cristo da fé, e são reflexões advindas sobretudo da tradição teológica; de outro lado, a abordagem de um Jesus histórico, utilizada por historiadores adeptos dos métodos científicos da moderna investigação historiográfica. (BOFF, 1980; PAGOLA, 2014; LOHFINK, 2015).

Em meados do século XVIII, irrompendo com o racionalismo, aparecem os modelos de interpretação social e religiosa. Através deles, os textos da literatura universal, incluindo os evangelhos, foram “dissecados” pelos iluministas europeus que entenderam que os evangelhos “não eram biografias históricas da vida de Jesus, mas sim testemunhos de fé frutos da pregação e da meditação piedosa e interessada das comunidades primitivas.”(BOFF, 1980, p. 15).

¹ Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: reginajf@hotmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dr. Volney José Berkenbrock.

Após esses eventos, começou a busca por um Jesus cuja concepção se estende ao longo dos séculos, criado à semelhança da figura humana, mais próximo da humanidade e identificado com o homem. Portanto, foram esses acontecimentos principais que impulsionaram o interesse pela existência de um Jesus histórico, fundamentado por ciências como a sociologia, a antropologia, arqueologia, etc.

A intenção do presente artigo é apresentar brevemente o tema sob a abordagem do Jesus histórico, assim como foi entendido por autores aqui procurados. Busca-se então, com isso, descrever esta forma de interpretação sobre a vida de um dos maiores mestres da história da humanidade, através de uma multiplicidade de conceitos: social, político, econômico e religioso da época em que viveu o personagem, da forma como está sugerido na bibliografia aqui consultada.

1 UMA BIOGRAFIA DE JESUS?

1.1 O problema das fontes sobre a vida de Jesus

Segundo Pagola (2014), com a morte de Jesus e a notícia da sua ressurreição, “[...] o olhar lançado sobre Jesus, suscitado pela fé num Deus que se identificou com ele ao ponto de ressuscitá-lo dentre os mortos abre um horizonte insuspeitado a seus seguidores da Galiléia. Na história de Jesus contemplamos a irrupção de Deus. A história que narram é uma história vivida por Deus encarnado em seu filho.” (PAGOLA, 2014, p. 373).

As narrações dos evangelistas eram desafiadoras e conflituosas, porém, alimentavam os fiéis com promessas e esperanças futuras. Eles narram a história de Jesus como “acontecimento da história central do mundo” (PAGOLA, 2014, p.103), fazendo com que o passado e futuro ficassem ligados a este trecho da história que teria mostrado a face de Deus encarnado em Jesus. Abaixo, alguns deles:

Marcos – O primeiro evangelista a escrever foi Marcos, escrevendo o seu evangelho entre 65 e 69 D.C. Para ele, Jesus é o Messias – Cristo escondido e o grande libertador, o vencedor cósmico sobre a morte e as obscuridades, libertando o terreno das forças alienadoras, trazendo a paz divina.

Mateus – Este evangelista prega para judeu-cristãos e gregos na Síria, por volta de 85-90. D.C. Para ele, Jesus é o Messias - Cristo profetizado e esperado, o novo Moisés, que trouxe o novo evangelho.

Lucas – Evangelista dos gentios e gregos, escreveu por volta de 85 a 90 D.C. que Jesus é o libertador dos pobres, doentes, pecadores e marginalizados social e religiosamente.

João – Escreveu entre 90 e 100 D.C.: “Ele vê em Jesus o Filho Eterno de Deus, o logos que arma sua tenda entre os homens para ser caminho, verdade e vida, pão e água viva. O Jesus surgido no evangelho de João é hierático e transcendente se movendo sempre na esfera do divino. João é um teólogo. Seu Jesus é o Cristo da fé.” (BOFF, 1980, p. 19).

Paulo – Autor das epístolas, que não conheceu o Jesus histórico, anuncia o Cristo ressuscitado da fé, como uma nova humanidade. O autor das epístolas aos Colossenses e Efésios (certamente um discípulo de Paulo) utiliza categorias do pensar estoíco e gnóstico respondendo a pergunta: ‘Qual seria a função de Cristo para a redenção do cosmos?’ Cristo é chamado então de cabeça de todas as coisas (Ef 1,10), o pólo centralizador onde tudo tem sua existência e consistência (Col 1,16-20).

1.2 A Contribuição Decisiva da Fonte Q

Existiu também outro evangelho, escrito antes do ano 70. Não existe mais como um escrito avulso, mas sim incorporado em Mateus e Lucas, pois estes o utilizaram como fonte importante de seus respectivos evangelhos. Foi comprovada pelos investigadores a existência desta fonte pelo fato de que os registros de Mateus e Lucas, que escreveram independentemente um do outro, coincidem em muitos aspectos, inclusive literalmente. “Por isso, nota-se que ambos se basearam em uma fonte anterior a eles.” (PAGOLA, 2014, p. 588).

Para o autor,

Este escrito de autor desconhecido se deu o nome de Evangelho dos ditos ou fonte Q (Inicial do termo alemão Quelle, que significa fonte). Este evangelho, redigido em grego foi composto certamente na Palestina, antes da destruição de Jerusalém. Contem apenas ditos e parábolas; não recolhe relatos de nenhum gênero, nem a narração da Paixão ou as aparições do ressuscitado. (PAGOLA, 2014, p. 588).

Ainda segundo o mesmo autor “Outras fontes literárias que são pesquisadas e tão valorizadas pelo mundo anglo-saxão, na prática não trazem informação confiável de interesse para nos aproximarmos de Jesus. Um material rabinico, os agrapha, os evangelhos apócrifos e os códigos de Nag Hammadi (em particular o

evangelho de São Tomé) não nos oferecem informação nova e confiável nem ditos autênticos e independentes do Novo Testamento.” (PAGOLA, 2014, p. 590).

1.3 A Vida de Jesus sob a Ótica Histórica

Segundo Pagola (2014), alguns dados, a seguir apresentados, possuem alto grau de solidez histórica. Porém, segundo investigadores da historiografia atual, não são os únicos que constam a respeito de Jesus. Seu nome, Yeshua, foi dado por seu pai José, no dia de sua circuncisão. Como este nome era muito comum naquele tempo, diferenciava-se um indivíduo do outro, acrescentando-lhe outras referências mais. Por exemplo, Jesus era chamado Yeshua bar Yosef – Jesus filho de José. Sua mãe chamava-se Maria e como seu pai era artesão e carpinteiro, ajudava-o nestes ofícios.

Jesus nasceu durante o reinado do imperador romano Augusto, antes da morte de Herodes, na primavera do ano 4 A.C. Para Pagola “Não é possível precisar melhor a data do seu nascimento.”(PAGOLA, 2014, p. 577).

A língua materna de Jesus foi o aramaico, que era uma forma dialetal na Galileia. Certamente Jesus conhecia o hebraico, que era a língua literária usada na prática da liturgia do templo e nas sinagogas. As leituras depois eram traduzidas para o aramaico. Não se sabe com certeza se Jesus sabia ler ou escrever. De acordo com um grupo crescente de autores, ele pode ter falado um pouco de grego, mas desconhecia o latim. Ao ouvir falar do movimento de conversão e batismo realizado por João Batista no deserto, deixou Nazaré, indo ao encontro do profeta, e lá recebeu incontestavelmente o batismo nas águas do rio Jordão. Ali, Jesus passou por uma experiência religiosa e desde então “aquele jovem artesão, oriundo de uma pequena aldeia da Galiléia não retornou mais a Nazaré” (PAGOLA, 2014, p. 100), passando a se entregar a uma atividade própria e original, diferentemente de João Batista. Ele inicia sua atividade itinerante por volta do ano 27-28. Jesus se afasta da família e sua atividade de profeta não é apoiada pelos parentes mais próximos, que creem que Jesus estava fora de si, com problemas mentais e que estavam sendo desonrados por sua atitude. Ele criou novas relações, formando para si um número de seguidores e de discípulos que o acompanhavam em suas andanças de pregador. Afastou-se definitivamente de seu lar em Nazaré, indo para Cafarnaum. Parece que, mais tarde, alguns de seus familiares se unem a ele novamente.

Não é possível afirmar com precisão os lugares onde Jesus desenvolveu suas atividades, bem como suas rotas de viagem. Certamente, se movimentou nas proximidades do lago da Galileia. Porém, ao que consta, nunca visitou duas cidades mais importantes da região, Séfores e Tiberíades. Durante um certo tempo desenvolveu suas atividades em Cafarnaum, às margens do lago de Genezaré. Ele anunciava o reino de Deus. (PAGOLA, 2014, p. 577).

2 JESUS: um homem do seu tempo

2.1 O contexto social em que viveu Jesus

A Galiléia conheceu pela primeira vez o fenômeno da urbanização em seu território através da construção, na baixa Galileia, das cidades de Séfores e Tiberíades. Antipas reconstruiu Séfores (incendiada pelos romanos em represália aos ataques dos judeus revoltosos contra a política de Herodes, fato este ocorrido após sua morte). Ele a transformou na nova capital da Galileia, reerguendo-a nas margens do lago Genezaré da Galileia.

A construção dessas duas cidades coincide tanto em termos espaciais como cronológicos. Seu surgimento, juntamente com a cobrança de taxas e os tributos abusivos da população, provocou uma profunda mudança social. Segundo muitos investigadores, este fato ocorreu por causa da crise e desintegração das famílias mais pobres das aldeias da Galileia. A perda de terras, resultante do endividamento das famílias, assim como também o advento e crescimento da monetização, a prática da monocultura e a produção que passa a se especializar, visando maior lucro dos detentores de terra, também contribuíram para que esta mudança acontecesse. (PAGOLA, 2014).

Estas duas cidades, Séfores e Tiberíades, foram transformadas em centros administrativos que influenciavam toda uma região, exercendo controle sobre ela. Nestes centros passaram a se concentrar as classes mais ricas e dominantes. A elite urbana no tempo de Jesus, uma minoria protegida por Antipas, os ricos da Galiléia, concentravam em suas mãos riqueza, poder e honra. Eram possuidores da cidadania romana.

Os camponeses, ao perderem tudo, até as casas, iam mendigar, perambulando de aldeia em aldeia. Muitos deles, doentes por falta de alimentação, sofriam de avitaminose e outros males. Tudo se agravava mais ainda pelo Código de Santidade, uma espécie de convenção que discriminava as pessoas indigentes, impedindo-as de participar dos ritos religiosos. A desigualdade era nítida e brutal, inclusive para as mulheres. Muitos passaram a acompanhar Jesus em suas andanças, principalmente por causa de alimentação que dele recebiam.

2.2 O Contexto Econômico da Vida de Jesus

Através dos grandes empreendimentos de Herodes e, posteriormente, de Antipas, que além de atingir a área social estenderam-se também para o setor econômico, uma grave crise foi gerada. Porque para manter e suprir seus grandiosos projetos urbanos, os imperadores extraíam da sociedade, e principalmente dos camponeses, maioria pobre da população, tributos e taxas abusivos, cargas difíceis e até impossíveis de serem cumpridas. Com isso, as famílias camponesas e rurais mal podiam assegurar sua subsistência, principalmente quando havia uma má colheita, uma enfermidade, um imprevisto, ou até a morte de algum varão. A penúria era geral nas aldeias. Sem reservas, essas pessoas pediam empréstimos aos que controlavam os armazéns de cereais locais. Não conseguindo pagar, trocavam suas terras, de onde tiravam seu sustento, para saldar as dívidas. Com isso, estas glebas de terras passavam a aumentar as propriedades dos grandes latifundiários. Estes, para obterem um maior rendimento usando seu poder e recursos, estimulavam a monocultura agrícola ou a produção especializada. O poder de decisão ficava se concentrava nas mãos desses poucos ricos em função de seus negócios com o comércio do trigo, azeite ou vinho. Enquanto isso, os camponeses, os arrendatários e diaristas não sabiam como obter a cevada, o feijão e outros modestos produtos necessários para a alimentação e manutenção diária da família. Ou seja, não tinham mais onde plantar, nem como e onde adquirir os produtos de que necessitavam para sobreviver. Também a difusão da moeda impulsionada por Antipas, não beneficiava os camponeses e os destituídos de recursos de imediato. Só as elites urbanas dispunham de somas importantes de dinheiro para as operações de seus negócios, sendo assim, conseguiam acumular moedas de ouro e prata. Raramente os camponeses ficavam com algumas moedas de bronze ou cobre, as de mais baixo valor. Nas aldeias, persistia ainda o sistema de intercâmbio de produtos e serviços, num regime que atendia tão somente a subsistência familiar.

A Galileia era um ponto estratégico para o sistema e caminho de rotas comerciais do Oriente próximo, porque permitia a comunicação entre os povos do deserto e os do mar. Cafarnaum, um povoado importante com localização a nordeste do lago da Galileia, ou lago de Genezaré, que fazia parte da “via-maris” ou “caminho do mar”, representava uma grande rota comercial que partia do Eufrates, atravessava a Síria, indo até Damasco e descendo em direção a Galileia, cortando o país em diagonal, continuando em direção ao Egito, celeiro abastecedor de Roma.

As estradas romanas eram importantes, pois facilitavam o transporte e comunicação entre as cidades, permitindo o rápido deslocamento. A construção do “Porto de Cezaréia Marítima” por Herodes facilitava a chegada das legiões romanas por mar e ao mesmo tempo o transporte de produtos agrícolas como o trigo, vinho e azeite. (PAGOLA, 2014, p. 35).

2.3 O Contexto Político em que Viveu Jesus

O sistema político vigente à época em que Jesus viveu, século I, na Palestina, foi o do império romano. Este desfecho iniciou-se quando na primavera do ano 63 A.C., o General romano Pompeu entrou em Jerusalém. A primeira atitude de Pompeu foi reordenar a região e colocá-la sob o controle do império. Aproveitando-se das lutas internas entre os judeus, e mediante este fato, exerceu seu domínio absoluto, determinando o fim da independência que os judeus desfrutaram durante oitenta anos, graças à “Rebelião dos Macabeus”².

² Com a proibição, em 167 A.C., da prática do judaísmo pelo decreto de Antíoco IV, e com a introdução do culto do Zeus Olímpico no Templo de Jerusalém, muitos judeus que decidem resistir a esta assimilação acabam sendo perseguidos e mortos. Conforme diz o 1 Macabeus 1:56-64. LOHFINK, Gerhard. **Jesus de Nazaré: O que Ele queria? Quem Ele era?** Petrópolis: Vozes, 2015 (Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Macabeus>>. Acesso em: 24 jun. 2016 21:21 h.

Este sistema consistia em tomar o território. O imperador e as tropas romanas militares não ocupavam o local dominado. Este ficava em Roma, nomeava um representante soberano para governar em seu nome, que era intitulado vassalo ou cliente do imperador e tetrarca do local em que estava exercendo o seu poder. Os vassallos eram de preferência nativos e controlavam os povos às vezes de maneira brutal. (PAGOLA, 2014, p. 33).

Tanto a Galileia como a Judéia, passaram a pertencer à Província Romana da Síria, local para onde as tropas militares iam e ficavam estacionadas em pontos estratégicos para conter invasões por parte dos Partos e Árabes que viviam do outro lado do Eufrates.

Para controlar e administrar um território tão imenso “desde a Espanha e as Gálias até a Mesopotâmia; desde as fronteiras do Reno, do Danúbio e do Mar Morto até o Egito e norte da África”, Roma dividiu o império em províncias regidas cada uma por um governador encarregado de manter a ordem, ministrar a justiça e vigiar a arrecadação de impostos. (PAGOLA, 2014, p. 30).

Os judeus palestinos passaram a fazer parte das listas dos povos subjugados a Roma, cujos nomes eram inscritos em monumentos construídos para esta finalidade. Quando um povo era conquistado após violenta campanha militar por parte das tropas romanas, a vitória era comemorada de forma solene, se percorrendo as ruas de Roma em uma procissão cívico-religiosa com o General vitorioso puxando o cortejo, exibindo os ricos espólios de guerra e os reis e generais vencidos, mantidos acorrentados para serem executados posteriormente de forma ritual. “A glória dessas conquistas ficava perpetuada depois nas inscrições dos edifícios, nas moedas, na literatura, nos monumentos e, sobretudo, nos Arcos de Triunfo³ erguidos por todo império.” (PAGOLA, 2014, p. 32).

2.3.1 Herodes

Dentre os soberanos nomeados por Roma para governar em nome do imperador, Herodes recebe a maior notoriedade⁴. Nomeado no ano 40 A.C., originário da Iduméia, foi considerado pelos judeus um traidor, principalmente por ser nomeado como rei aliado e amigo do povo romano. Só conseguiu dominar e tomar Jerusalém no ano 37 A.C. com o apoio das tropas romanas. Considerado um soberano fiel e cumpridor dos seus deveres, deveria manter toda a região entre a Síria e o Egito estável, e tirar o máximo rendimento das terras através de um rígido sistema tributário. (PAGOLA, 2014).

Sendo obcecado pelo poder e preocupado com o domínio de seu território, é levado a erguer um verdadeiro império fortificado através da construção de uma rede de fortalezas e palácios, estabelecendo suas próprias tropas e fortalezas.

Ao ocupar Séfores, na Galileia, ele a transforma em principal centro administrativo e comercial da região. Vendo a necessidade de fortificá-la, constrói então, suas fortalezas: a fortaleza de Herodion, perto de Belém; Maqueronte, a leste do Mar Morto, e Massada ao sul. Em Jerusalém, a torre Antônia é erguida para controlar o entorno do templo durante as festas de páscoa. (PAGOLA, 2014). Restaurou a antiga capital da Samaria, chamando-a de Sebaste, que em grego significa Augusto “sublime”, homenageando o imperador romano. Construiu também seu palácio nos terraços de Massada e sua residência real no oásis amuralhado de Jericó, combinando segurança, luxo e exagero.

Foi confirmado como sendo um dos grandes construtores da Antiguidade, com as obras do Porto de Cezaréia Marítima e o templo de Jerusalém, este último em estilo helênico – romano. Mais uma vez desagradando os judeus, que, ao se rebelarem contra a estátua de uma águia de ouro – símbolo do poder romano – colocada na entrada do templo, derrubaram-na, fato que lhe custou a vida, e as dos quarenta jovens e seus dois mestres, que foram todos queimados vivos.

Conhecido pela sua crueldade, temendo uma conspiração e a perda do poder, mandou assassinar membros de sua família, inclusive a esposa e os filhos - Alexandre e Aristóbulo – herdeiros legítimos do trono. Pouco antes de sua morte, completamente louco, manda executar seu filho Herodes Antipatro. Cinco dias após,

³ São conhecidos, Segundo Pagola (2014) mais de trezentos arcos históricos em Roma, sendo o mais famoso o Arco de Tito, situado no centro de Roma. Este representa a vitória do General Tito sobre Jerusalém, no ano 70 D.C. (PAGOLA, 2014)

⁴ Com relação às profundas transformações ocorridas no contexto social do século I, que tiveram influência política, se destacam Herodes e Herodes Antipas (pai e filho).

falece em seu palácio de Jericó. Segundo informa Pagola (2014)⁵ Jesus deveria ter entre dois ou três anos de idade nesta época, e morava em Nazaré.

Após sua morte, seus filhos impugnaram seu testamento, e o imperador romano Augusto resolveu a sucessão definitivamente à sua maneira. Arquelau ficaria com a Iduméia, a Judéia e a Samaria; Antipas governaria na Galileia e na Peréia, uma região a oriente do Jordão. A Filipe foi dada Gaulanítide, Traconítide e Auranítide, terras gentias pouco habitadas situadas ao norte e a leste da Galileia. Nenhum deles foi nomeado rei.

2.3.2 Herodes Antipas

Antipas, como era chamado, nunca foi nomeado rei. Apenas recebeu o título de tetrarca da Galileia e vassalo de Roma, no ano 4 D.C. Tentando seguir os passos de seu pai Herodes, quis construir um reino para si através da edificação, nas margens do lago da Galileia (Genesaré), da cidade de Tiberíades, cujo nome foi uma homenagem ao imperador Tibério. Sua intenção foi compará-la a Cezaréia Marítima, construída às margens do Mar Mediterrâneo. Anteriormente, havia reconstruído a cidade de Séfores (incendiada pelas tropas romanas após a morte de Herodes), transformando-a na nova capital da Galileia. Também como seu pai, eliminou as críticas dirigidas a ele por João Batista, “o profeta do deserto”, que acabou sendo decapitado.

As suas atitudes arbitrarias interferiram muito na vida social da Galileia. Seu reinado foi longo, terminando em 39 D.C., quando foi deposto pelo imperador e exilado nas Gálias até o fim de seus dias.

2.4 O contexto religioso da vida de Jesus

Jesus era de origem judia, portanto, lhe foi ensinado por seus pais, desde a infância, os hábitos e costumes de sua religião, por exemplo, ter conhecimento e prática dos ensinamentos contidos na Toráh, o livro sagrado da religião judaica.

No século I, a sociedade era regida pela religião. Após a invasão da cultura helênica impulsionada por Alexandre Magno, o povo judeu se viu obrigado a defender sua identidade. Foi criada pelas autoridades competentes uma dinâmica religiosa de separação “com a intenção de preservar a santidade própria do povo de Deus” (PAGOLA, 2014, p. 236). Deveria ser protegido de todo tipo de contaminação ‘o templo de Javé’, considerado lugar santo por excelência, e de seu recinto deveriam ser excluídos todos os gentios e os ímpios. Segundo eles, esta era a melhor maneira de viver na terra santa de Deus sem ser contaminado por uma cultura estranha. Proibiu-se o matrimônio com mulheres estrangeiras e instituíram-se severos dízimos e primícias, e finalmente, foi imposto o “código de santidade”- o responsável pela profunda mudança social na época.

“No tempo de Jesus, todos aceitavam a afirmação central deste código de santidade, no qual se põe na boca de Deus este mandamento: Sede santos porque eu, Javé, vosso Deus, sou santo”⁶. (PAGOLA, 2014, p. 237). Eles acreditavam que se santificariam ao ficarem afastados dos impuros, e, na época, muitos grupos se isolaram fisicamente, como os essênios da comunidade de Qumran, fariseus que se afastaram para o deserto criando uma “comunidade santa”, pois, segundo eles, aquela sociedade estava contaminada. Entregavam-se a todo tipo de purificação: iriam viver como varões de santidade e filhos da luz, isolados dos pagãos romanos e dos judeus impuros. Alguns grupos mais radicais chegaram ao extremo de praticarem algumas leis de pureza, somente impostas aos sacerdotes. Com o sistema de pureza ritual, tentavam garantir a identidade judaica em relação à cultura pagã, porém, o que aconteceu foi o endurecimento e as discriminações no seio do próprio povo. Por exemplo, por nascimento, os sacerdotes e os levitas já possuíam santidade superior à do povo; os que observavam o código tinham maior dignidade que os impuros (aqueles que tinham contatos com os pagãos, publicanos e prostitutas; os que tinham profissões transgressoras do código, leprosos, eunucos, cegos e coxos). Sua categoria de pureza era inferior aos sãos; as mulheres, por causa da menstruação e dos partos, eram menos dignas que os varões.

Jesus não via as coisas assim, como são descritas no código de santidade: ‘Sede santos, porque eu, o senhor vosso Deus, sou santo.’ Ele introduz outra exigência que transforma de maneira radical o modo de entender e viver a imitação de Deus, ‘Sede compassivos como vosso pai é compassivo.’ É a compaixão e não a santidade que precisamos imitar em Deus. Jesus não nega a santidade de Deus,

⁵ “A lembrança desta atuação sinistra de Herodes diante de quem quer que pudesse por em perigo seu poder está, sem dúvida, no pano de fundo do relato legendário da ‘matança dos inocentes’ de Belém pela mão de seus soldados (Mateus 2,1-18). Diz-se que, em certa ocasião, Augusto gracejou dizendo que preferia ser porco (hys) de Herodes a ser seu filho (hyios).” (PAGOLA, 2014, p. 34).

⁶ Levítico 19,2. A Bíblia Sagrada (969).

mas o que qualifica essa santidade, não é a separação do impuro e sim, seu amor compassivo. (PAGOLA, 2014, p. 239).

Segundo Jesus, Deus é compassivo com todos e “faz sair seu sol, sobre maus e bons e chover sobre justos e injustos”. (PAGOLA, 2014, 237). O que qualifica a santidade de Deus não é a separação do impuro e sim o seu amor compassivo. Segundo o autor, Jesus introduziu uma verdadeira revolução na sociedade, propondo o novo código: “O código de compaixão”.

3 JESUS, UM HOMEM, SEU IDEAL E SUAS CONSEQUÊNCIAS

3.1 A Pregação de Jesus

Segundo Pagola (2014), não se sabe quando e em que circunstâncias, mas Jesus abandona tudo, deixa seu trabalho de artesão, não indo à procura de outra ocupação, de nenhum mestre para estudar o Torah e para conhecer melhor a religião judaica, nem vai para a cidade santa de Jerusalém - onde são oferecidos sacrifícios ao Deus de Israel. Se afasta da família e de sua cidade natal, Nazaré. Jesus foi para o deserto. Segundo os profetas das escrituras sagradas é no isolamento do deserto, no silêncio e na solidão que Jesus pode ouvir a voz de Deus. De acordo com o profeta Isaías, é o melhor lugar para “abrir o caminho” para Deus e deixa-lo entrar no coração do povo.⁷

Após a morte do profeta João Batista, que pregava a conversão do povo no sentido de que este deveria ser orientado para alcançar o reino de Deus, seu projeto ficara interrompido, e a conversão de Israel ficaria inacabada. Seus seguidores então ficaram sem resposta: Como iria atuar Deus? O que iria acontecer com o povo? Jesus reagiu de maneira surpreendente e diferente do profeta, passando a acolher e aceitar os pecadores e o povo marginalizado pela religião e sociedade. “Não abandona a esperança que animava João Batista, porém radicaliza até extremos insuspeitados”. (PAGOLA, 2014, p.103).

Jesus ouve a voz de Deus que o chama para uma “missão nova”, não continuando como fazia João Batista. Ele passa a ter uma nova visão. Para ele, o tempo da preparação no deserto findara com a morte do seu antecessor João Batista. Ele então age de maneira surpreendente e original, prega o “reino de Deus”, porém dizendo que se iniciava um tempo que não pertencia à época antiga da preparação dos fiéis para o reino de Deus, mas uma era nova, a qual já estava próxima à salvação de Deus. Ele abandona a linguagem do deserto e passa usar parábolas para pregar ao povo.

3.2 A fé de Jesus

A fé de Jesus era totalmente voltada para Deus. Falava com entusiasmo e com plena convicção da acolhida na “morada do Pai” para aqueles que aceitassem a “verdade” sobre o Reino de Deus. No entanto, ele não cita as Escrituras para convencer sobre a compaixão de Deus. Ele crê piamente que o reino de Deus está chegando, reino este que promete mais justiça para os injustiçados. Sua fé no Pai era total, tanto que ele instituiu a oração de “Pai Nosso”.

3.3 O enfrentamento de Jesus

Em todos os tempos e sociedades as atitudes de rebeldia sempre levam à censura. Com Jesus não foi diferente. Ao questionar, e até mesmo reprovando o comportamento das autoridades e dos códigos vigentes, passou a ser observado e acolhido popularmente, e posteriormente perseguido devido ao temor e a revolta que causava nos poderosos de seu tempo.

A aceitação que Jesus encontrava nas massas populares preocupava as autoridades causando-lhes inveja e má vontade (Mc 11,18; Jo 4,1-3; 7,32.46;12,10.19). Acreditava-se que pregava a subversão (Lc 23,2; Jo 7,12) e que proibia o pagamento do imposto capital ao imperador romano (Lc 23,2), quem sabe até com sérias pretensões de assumir o poder contra o regime vigente (cf. Jo 19,12;6,15; Lc 23,2). Na verdade, suas críticas atingem os influentes sobre o povo como os fariseus (Mt 23), Herodes (Lc 13,32), os que exercem o poder em geral (Mt 20,25; Lc 22,25) e os ricos (Lc 6,24-26;18,25). Apavorados dizem: ‘Se o deixarmos assim, todos crerão nele. Virão os romanos, destruirão nosso lugar

⁷ Isaías,40,3. A Bíblia Sagrada (1969).

santo e a nossa nação.' (Jo 11,48). Na realidade, todos temiam por suas posições de força e de privilégios, principalmente os que exploravam os negócios do templo, vendendo animais sacrificiais como a família e casa de Anás. Havia algumas palavras de Jesus ditas num contexto de urgência de conversão frente à iminência do Reino, que lidas com outra ótica, poderiam causar mal-entendidos políticos: 'Não vim trazer a paz, mas sim a espada' (Mt 10,34); 'vim trazer a ruptura' (Lc 12,51); 'vim para opor o filho contra o pai e a filha contra a mãe' (Mt 10,35); "Eu vim lançar fogo à terra e o que quero senão que ele arda?" (Lc 12,49). Evidentemente Cristo não quis violência. Antes pelo contrário, manda que amemos os inimigos (Mt 5, 44-48). Na hora em que podia lançar mão da violência, ordena prontamente: 'Põe a tua espada na bainha, Pedro, porque todos aqueles que tomam da espada, perecerão por ela'. (Mt 26,52). (BOFF, 1980, p. 114).

Foi através dessas palavras e ações radicais que ele foi levado ao martírio e execução.

3.4 A Morte de Jesus

Sendo Pilatos prefeito e autoridade máxima romana na Judéia, condenou Jesus à morte por insurreição contra o império. Era provavelmente o dia 7 de abril do ano 30. Ele foi supliciado na cruz, condenação essa só aplicada anteriormente aos escravos criminosos ou rebeldes perigosos. Foi executado fora das portas de Jerusalém, junto a uma velha pedreira.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, pode-se concluir que a partir do apogeu da Era da Razão crítica, através das correntes de pensamento antropocêntricas e ou iluministas a visão da humanidade pode ser ampliada, os horizontes se expandiram, abriu-se um leque de opiniões fundamentadas nas novas ciências e na crítica. A partir deste ponto, as investigações sobre o mistério e a religião permitem o aparecimento de uma nova versão sobre fatos até então desconhecidos, inclusive quanto aos seguidores e preceitos de Jesus, que deixou sua marca na história. Através dos séculos, seus ensinamentos continuam sendo utilizados independentemente de credo ou raça.

A conclusão é a de que Jesus foi, sociologicamente falando, um antropólogo convivendo com os excluídos e sofredores, considerados impuros e subversivos. Portanto, pode-se concluir que não existe ninguém mais atual do que Jesus. Ele é o mesmo ontem, hoje e sempre.

REFERENCIAS

A BÍBLIA Sagrada. Traduzida por João Ferreira de Almeida. São Paulo (SP): Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

BOFF, Leonardo. **Jesus Cristo Libertador**: Ensaio de cristologia crítica para o nosso tempo. Petrópolis: Vozes, 1980.

LOHFINK; Gerhard. **Jesus de Nazaré**: O que Ele queria? Quem Ele era? Petrópolis: Vozes, 2015.
Disponível em: < <https://pt.wikipedia.org/wiki/Macabeus>>. Acesso em: 24 jun. 2016.

PAGOLA; José Antônio. **Jesus – Aproximação histórica**. Petrópolis: Vozes, 2014.